



Fanny Abramovich

Caras Encaradas



ilustrações

Cláudio Martins

4ª edição

Editora: CLAUDIA ABELING-SZABO

Assistente editorial: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: LENIRA BUSCATO

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico: SÉRGIO PALMIRO

Diagramação: FRANCISCO AUGUSTO DA COSTA FILHO

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abramovich, Fanny

Caras encaradas / Fanny Abramovich; ilustrações
Cláudio Martins. — 4. ed. — São Paulo: Saraiva, 2005. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-02782-4

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Cláudio. II. Título. III. Série.

98-3661

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

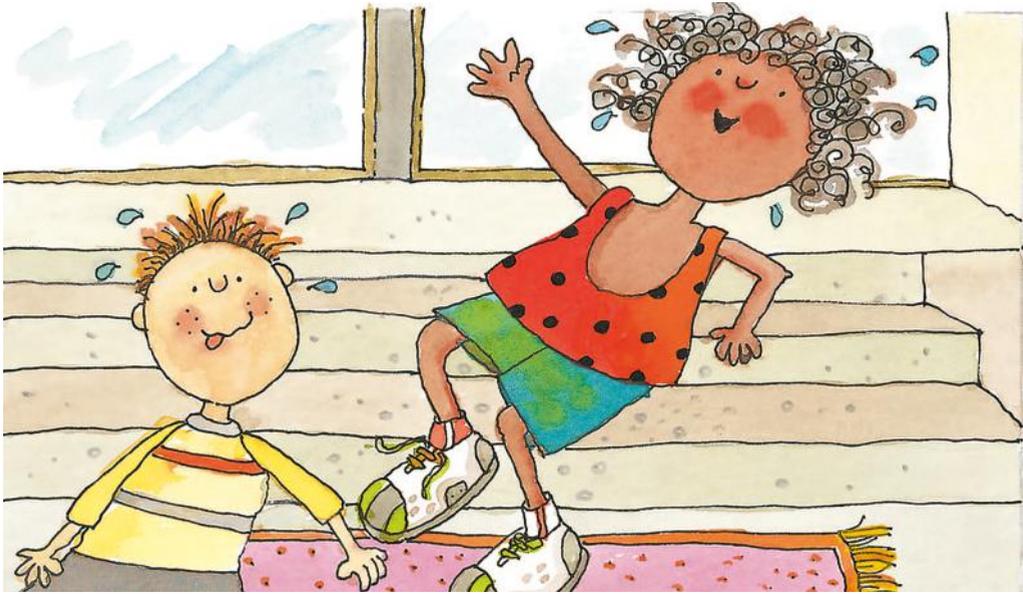
Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810103

CAE: 603361

10ª tiragem, 2019

*Para Eliana Sá,
a cara da competência e seriedade*



Sarah e Tato respiraram fundo. Cansados da corrida. Ida e volta até o final da rua, três vezes. Tato ganhou as três. Disparado. Sarah engoliu seco a derrota. Ia tirar a forra, mostrar quem era boa praquele branquelo sardento metido a atleta. Convencido!

Sentaram no degrauzinho da entrada do prédio. Esticaram as pernas, espicharam os braços, voltaram os pés rapidinho. Tratar de recuperar o fôlego e a forma. Sarah fez uns alongamentos muito dos caprichados, e Tato esticou o olhar pra não perder nadinha. Babava e invejava. Daria tudo pra fazer também do seu corpo uma mola de elástico pulante. Nunca que conseguia... Não como ela!

Estavam na maior exibição, quando pintou o seu Zé, o zelador. Veio com tudo. Mandou ver com aquela sua vozona de locutor de rádio. Nada de brincadeiras na escada. Lá era só pra passagem de moradores, visitas e mocinhos de entrega. Não de crianças que achavam que era muito bom ficar, sentar e nunca mais sair de lá. Nada disso. Já pra casa e fim de papo.

Sarah e Tato levantaram rapidinho. Na moita, foram pro seu esconderijo. Lugar ótimo pra ficar e não ser achado. No último degrau da escada dos fundos. Sentaram meio cansados e cochicharam adoidado.

Tato bufava e bufava. Que seu Zé era um perseguidor de criancinhas. Que não deixava brincar na portaria, porque era preto e se achava o máximo com o seu uniforme azulzão. Era um fedido metido a bacana, só porque usava uma roupa que deixava ele com jeito de polícia. Pensava que mandava, que era o dono do prédio. Covardão! Ranzinza! Puxa-saco!!



Sarah só escutava. Arregalou os enormes olhos verdes, puxou todas as suas trancinhas de puro nervoso. Fechou a cara. Esbravejou. Ela também era negra e nem um pouquinho fedida. Até que era muito da cheirosinha. Sempre usava água de colônia da boa e gostosíssima! Não ia mais escutar aquela discurseira maluca. Tato sabia muito bem sabido que o seu Zé estava cumprindo sua obrigação. Era seu trabalho. Tomava muito bem conta do prédio, sempre de olho em tudo, botava ladrão pra correr, consertava o que precisava. E tudo com o maior sorriso da paróquia. Era simpático, gente fina, maior alto astral. Ela curtia muito o seu Zé!



Tato avermelhou de vergonha. Disse que não tinha nada contra preto. Não era racista. Nunquinha. Dava a palavra de honra. Ele era judeu e também não ia deixar que falassem qualquer coisa de alguém só porque era judeu. Igualzinho. Maior prova de que não tinha nada contra negros é que Sarah era a melhor amiga dele. Ficou mesmo foi com uma baita duma raiva do seu Zé. Mas não por ser negro. Por ser implicante, por não entender que criança precisa dum lugar pra brincar, pra ficar à toa, pra armar alguma... Não gostava de mandonice e de bajulação. E ele era um grandíssimo puxa-saco! Não ia com a cara dele. Mesmo.

Sarah disse que eles dois viam as pessoas, as coisas, tudo, dum jeito diferente. Sempre. Bem que podiam inventar uma brincadeira com isso. Pediu um tempo pra pensar numa bem legal. Arrumou as trancinhas, ajeitou o *short*, caraminholou. Maior silêncio. Tato só esperando. Ela riu, ia falando alguma coisa, desistiu... Pensou mais, sorriu, disse que não curtiu... De repente, se iluminou todinha. Sabia sabidíssimo.